

**Mal-estar na feminilidade:**

**"Filhos... filhos? Melhor não tê-los! Mas se não os temos, como sabê-los?"**

**Patrícia Matos Rodrigues**

Psicanalista

Doutora em Teoria Psicanalítica pela Universidade Federal do Rio de Janeiro / UFRJ (Rio de Janeiro, Brasil)

Membro Adjunto do Instituto Sephora de Ensino e Pesquisa de Orientação Lacaniana / ISEPOL (Rio de Janeiro, Brasil)

Juiz de Fora – MG

Email: pmrpsi@gmail.com

---

**Resumo:** Freud acreditava que o desejo de ter um filho caracterizava a posição feminina: a herança do útero. "Ser mãe" era um semblante simples e natural. Porém, esse semblante deixou de ser uma evidência lógica. A ciência e o direito modificaram o desejo de ter um filho. Os progressos técnicos em torno da procriação e os direitos sociais regulamentados pelos estatutos das mulheres e dos homossexuais emanciparam o desejo de ter um filho das relações com o outro sexo e dos limites da natureza. Vivenciamos a disjunção entre a identificação sexual e as funções de pai e de mãe. Nessas novas configurações familiares, as diferenças se apagam e o termo "cuidador" ganha valor. Um "cuidador" é um "pai-mãe", o que reduz a "um" as funções parentais. Diante desse panorama, que exhibe impasses entre uma posição conservadora ou revolucionária na cena social, pretendemos interrogar qual seria a função do psicanalista nesse cenário e com que princípios teóricos ele deve operar.

**Palavras-chave:** maternidade; feminilidade; psicanálise.

---

**Malaise dans la féminité:**

**"Des enfants ... des enfants? Mieux vaut ne pas les avoir! Mais si nous ne les avons pas, comment pouvons-nous les connaître?"** - Freud pensait que le désir d'avoir un enfant caractérisait la position féminine: l'héritage de l'utérus. "Etre mère" était un semblant simple et naturel. Cependant, ce semblant n'est plus une preuve logique. La science et le droit ont changé le désir d'avoir un enfant. Les progrès techniques" en ce qui concerne la procréation et les droits sociaux réglementés par les statuts des femmes et des homosexuels ont émancipé le désir d'avoir un enfant des relations avec l'autre sexe et des limites de la nature. Nous faisons l'expérience de la disjonction entre l'identification sexuelle et les fonctions de père et de mère. Dans ces nouveaux contextes familiaux, les différences sont effacées et le terme "aidant" prend de la valeur. Un "aidant naturel" est un "père-mère", ce qui se réduit à "un" des fonctions parentales. Avant ce panorama qui révèle des impasses entre une position conservatrice ou révolutionnaire sur la scène sociale, nous avons l'intention de mettre en question le rôle que doit jouer le psychanalyste dans ce scénario et sur quels principes théoriques il devrait agir.

**Mots-clés:** maternité; féminité; psychanalyse.

---

**Femininity and its discontents:**

**"Children... children? Better not have them! But if we do not have them, how do we know them?"** - Freud believed that the desire to have a child characterized the feminine position: the inheritance of the uterus. "Being a mother" was a simple, natural semblance. However, this semblance is no longer logical evidence. Science and law have changed the desire to have a child. The technical advances concerning procreation and the social rights regulated by the statutes of women and homosexuals have emancipated the desire to have a child from the relations with the other sex and from the limits of nature. We experience the disjunction between sexual identity and the functions of father and mother. In these new family settings, differences are erased and the term "caregiver" gains value. A "caregiver" is a "father-mother," which reduces parental functions to "one." Considering this outlook, which exhibits deadlocks between a conservative or revolutionary position in the social scene, we intend to question what the psychoanalyst role would be in this scenario and with what theoretical principles he or she should operate.

**Keywords:** maternity; femininity; psychoanalysis.

### **Mal-estar na feminilidade:**

#### **“Filhos... filhos? Melhor não tê-los! Mas se não os temos, como sabê-los?”<sup>1</sup>**

*Patrícia Matos Rodrigues*

Freud aproximou o desfecho da sexualidade infantil e a forma adulta na qual a sexualidade se apresenta. Ele ressaltou que o mais marcante nessa aproximação é o fato de que para ambos os sexos a questão sempre girará em torno do órgão sexual masculino. Com isso, ele inaugurava a primazia do falo. Inicialmente, a criança acredita que são apenas pessoas desprezíveis do sexo feminino que perderam seus órgãos genitais. Especialmente, a mãe e outras mulheres a quem ela respeita retêm o pênis por um tempo mais longo nas fantasias infantis. Para a criança, ser mulher ainda não é equivalente a não ter um pênis. Posteriormente, quando a criança retoma os problemas da origem e do nascimento dos bebês, ela adquire o conhecimento que apenas as mulheres podem gerar filhos. Então, a mãe perde o pênis para a criança (FREUD [1923], 1974, p. 183).

Em função desse processo psíquico em relação ao fato biológico, Freud passou a pensar as diversas maneiras como meninos e meninas lidarão com a descoberta da ausência do pênis. Concluiu que, em geral, a castração é representada pelas crianças como uma punição resultante de um ato errado cometido. Somente na puberdade alcançamos o entendimento de que há uma diferença absoluta entre os sexos. Freud ressaltava que o desenvolvimento psíquico de homens e mulheres não acontece de forma semelhante e complementar.

No desenvolvimento da sexualidade infantil da menina, Freud apontou um caminho positivo no que diz respeito às consequências psíquicas frente à anatomia. Ele pontuou que havia uma maneira na qual a menina poderia simbolizar a condição de castrada sem desvalorizar o órgão genital feminino. Freud afirmou que uma “pequena mulher” poderia consentir que sua vagina fosse reconhecida com a qualidade de verdadeiro “lugar de abrigo para o pênis”. A superação da ignorância da vagina e a sua conseqüente valorização pela menina é o que Freud vai nomear de “herança do útero” (FREUD [1923], 1974, p. 184). Ele situou a herança do útero como a saída do impasse da histeria (COELHO DOS SANTOS, 2009, p. 12). A mulher ultrapassa o complexo de castração, na medida em que aceita a falta decorrente da ausência do falo. Com esse consentimento feminino há a possibilidade de desempenhar o papel sexual na vida amorosa adulta.

Essa aceitação da especificidade feminina pode aparecer nas meninas no momento da primeira menstruação – menarca. A maneira como cada uma vai aceitar a introdução na vida fértil nos dá o tom de sua situação psíquica quanto ao consentimento feminino. Quer dizer, se a menina aceita o fato com alegria pela capacidade de fertilidade e reprodução – “vira mocinha” – ou se, por outro lado, acolhe esse momento como um fardo penoso e passível de dores e sofrimentos. Se uma pequena mulher aceita “virar mocinha”, ela tem mais chances de alcançar sua herança do

útero sem tantas defesas históricas. A herança do útero é a vertente positiva da castração. Portanto, Freud acreditava que o desejo de ter um filho caracterizava a posição feminina.

A maternidade é um dos destinos da feminilidade. Até alguns anos atrás, "ser mãe" era um semblante simples e natural. Porém, esse semblante deixou de ser uma evidência lógica. O que quer uma mãe hoje? Uma outra pergunta emerge: como trabalhar com a sexualidade feminina quando vivemos uma era cujo lema "Filhos? Melhor não tê-los!" ganha intensidade?

Em matéria no jornal "Tribuna de Minas" (PESSOA, 2014), algumas mulheres foram ouvidas sobre a opção de não ter filhos. A justificativa para a reportagem foi apresentada em dados numéricos. Em 2016, o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) divulgou que, entre 2002 e 2012, aumentou de 14% para 19% o número de casais sem filhos. Em 2016, esse índice aumentou para 20%. Nessa reportagem, duas mulheres declararam:

Na minha adolescência, achava que, com 25 anos, estaria casada, teria meu primeiro filho e seria totalmente independente. Completo 30 no ano que vem e estou longe de ser essa "adulta" que imaginei que seria. Não tenho condição financeira para ter filhos, estou solteira e não sou tão independente assim. Hoje, tenho outros planos para a minha vida e ainda vou precisar dedicar alguns anos dela a estes projetos. Um filho atrasaria todos eles (PESSOA, 2014).

Tenho 33 anos e estou naquela fase em que todas as parentes e amigas estão tendo filhos, então a pressão só aumenta... Parei de postar no Facebook as fotos com os bebês de amigos no colo, pois não aguentava mais as piadinhas do tipo "já tá treinando para o seu, né?". É impressionante a necessidade das pessoas de provar que a maternidade é o único caminho certo para a mulher jovem (PESSOA, 2014).

Por sua vez, a ciência e o direito modificaram o desejo de ter um filho. Os progressos técnicos em torno da procriação e os direitos sociais regulamentados pelos estatutos das mulheres e dos homossexuais emanciparam o desejo de ter um filho das relações com o outro sexo e dos limites da natureza.

A psicanalista Dominique Laurent afirma que o "casamento para todos" levantou diversos debates, sendo um dos mais importantes a questão dos homossexuais que desejam ter filhos. A procriação medicamente assistida (PMA) desfaz a impossibilidade biológica imposta pela natureza e o desejo de ter um filho se torna um direito para todos. "As PMA operaram uma disjunção entre a sexualidade e a procriação, a procriação e a gestação, e operarão no futuro, talvez, uma disjunção

entre a procriação e o homem, como sugerem os trabalhos com as células-tronco” (LAURENT, 2015, p. 32).

Coelho dos Santos aponta que o desejo de ter filhos distancia-se, cada vez mais, das práticas heterossexuais de reprodução natural. Observamos que há também uma disjunção entre esse desejo e o laço amoroso entre os pais.

O progresso das tecnologias de reprodução assistida tornou desnecessário que este desejo se submeta às atribuições do ato sexual para obter sua satisfação. Casais assexuados, homossexuais, transgêneros, podem valer-se das novas tecnologias para produzir um bebê. Graças a estes procedimentos a noção de família humana está em vias de ser profundamente redefinida. O que dizer, então, dos significantes homem e mulher, pai e mãe? O que significarão ao longo do século XXI? (COELHO DOS SANTOS, 2018).

Marie-Hélène Brousse aponta que vivemos uma nova ordem. Segundo ela, vivenciamos um caos político, jurídico, ético e midiático. Os semblantes que organizavam a nossa subjetividade vacilam e desorganizam a ordem. A seu ver, é uma reviravolta inédita na qual a principal mudança é a queda do sistema hierárquico das famílias. Diante disso, ter ou não ter um filho, que parecia uma decisão simples, passou a ter um limite ampliado. A lógica moderna era a de que a mulher nasceu para ser mãe. Porém, hoje essa lógica simbólica está ameaçada. Para Brousse, existe atualmente uma indústria do sexo e da reprodução. E isso muda essencialmente a dimensão do que é ser mãe. Os limites naturais foram recuados e as possibilidades estão aumentadas. Brousse nomeia essa ampliação: a indústria do bebê.

Há uma disjunção entre a identidade sexual e as funções paterna e materna. O termo parentalidade é colocado em cena. Este demonstra como as diferenças sexuais e geracionais estão apagadas. Ressalto um outro termo muito utilizado: cuidador. Um cuidador pode ser um pai ou uma mãe. Um “pãe!”. Ou alguém que simplesmente se mostre zeloso ou diligente com uma criança.

O nosso dia a dia na clínica confirma o que tanto Brousse como Laurent apontam como consequência importante dessa ampliação da natureza: o valor do filho tornou-se ainda mais aumentado como um objeto desejado. Mais precisamente, o filho que, antes era veladamente um objeto de gozo, agora é escancaradamente esse objeto.

No artigo “Nota sobre a criança”, Lacan ressalta que é preciso que o desejo não seja anônimo nas funções da mãe e do pai. É necessário que os cuidados da mãe com o seu filho tenham “a marca de um interesse particularizado, ainda que o seja pela via de suas próprias faltas” (LACAN, 1986, p. 13-14). O pai, por sua vez, encarna a tarefa de ser o freio sobre o gozo

entre o filho e a mãe. É ele quem interdita esse gozo, “na medida em que seu nome é o vetor de uma encarnação da lei no desejo” (LACAN, 1986, p. 13-14). O ilimitado agora está aparelhado pela ciência e aciona as mais diversas regulações: do direito, da religião e da economia.

Do lado do direito, as legislações são heterogêneas, de um país ao outro, ou então ausentes, permitindo, assim, todos os jogos com a lei. Do lado religioso, é a proibição mais ou menos marcada de se afastar da ‘natureza’. Do lado da economia, as técnicas têm um custo muito pesado para os Estados Unidos e para os sujeitos (LAURENT, 2015, p. 47).

Brousse ressalta ainda que a função de cuidador leva à redução da necessidade de dualidade das funções parentais. Ela aponta que até mesmo nas famílias clássicas podemos recolher essa redução, na medida em que as separações e as guardas compartilhadas e alternadas estão sendo banalizadas. Diariamente, recolho consequências dessas destituições familiares no consultório. A banalização aparece na fala dos analisandos, que não se questionam acerca das consequências dessas operações contemporâneas. Vivem, fazem escolhas e atuam como se todos os arranjos fossem possíveis.

Em suma, a ciência e o direito transformaram as condições de possibilidade da família. Diante desse panorama, que exhibe impasses entre uma posição conservadora ou revolucionária na cena social, pretendemos interrogar qual seria a função do psicanalista nesse cenário e com que princípios teóricos ele deve operar.

Brousse aposta que a psicanálise continuará a recolher o saber analítico das “bocas de ouro” dos analisantes. Para ela, o inédito surgirá como saber científico pela linguagem. Laurent é um pouco mais orientadora:

A psicanálise não pode ser convocada para justificar um conservadorismo. Isso não implica, porém, um entusiasmo exuberante por todas as exigências de engravidar que transgridem todas as barreiras. A psicanálise não é nem um instrumento de um conservadorismo social, nem um procedimento de subscrição a todas as montagens aberrantes que um desejo desvairado possa fomentar – é preciso, nesse ponto, remeter-se à lei (LAURENT, 2015, p. 36).

**Nota:**

1. Referência ao “Poema enjoadinho”, de Vinícius de Moraes (1954).

### Referências Bibliográficas

- Brousse, M. H. Extensão do circuito da mãe. In: ALVARENGA, E.; ALBERTI, C. (org). *Ser mãe: mulheres psicanalistas falam da maternidade*. Belo Horizonte: Editora EBP, 2015.
- Coelho dos santos, T. Sobre a clínica da psicanálise de orientação lacaniana: dos impasses da sexualização à invenção do parceiro-sinthoma. *Ágora*, Rio de Janeiro, v. XII, n. 1, p. 9-26, jan.jun. 2009.
- Coelho dos santos, T. Desmentido ou inexistência do Outro: a era da pós-verdade. In: *aSEPHallus*, n. 22. Revista digital do Núcleo Sephora de pesquisa sobre o moderno e o contemporâneo, 2006. Disponível em [http://www.isepol.com/asephallus/numero\\_22/pdf/2-Desmentido\\_ou\\_inexistencia\\_do\\_Outro.pdf](http://www.isepol.com/asephallus/numero_22/pdf/2-Desmentido_ou_inexistencia_do_Outro.pdf) Acesso em: 01 set. 2018.
- Freud, S. A organização genital infantil: uma interpolação na teoria da sexualidade [1923]. In: SALOMÃO, Jayme (Dir.). *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de S. Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1974, v. XIX.
- Lacan, J. Duas notas sobre a criança [1969]. *Ornicar?* Revista do Campo Freudiano, n. 37, abr.-jun., 1986.
- Laurent, D. Tecno-maternidades: o ilimitado do desejo de filho. In: ALVARENGA, E.; ALBERTI, C. (org). *Ser mãe: mulheres psicanalistas falam da maternidade*. Belo Horizonte: Editora EBP, 2015.
- Morais, V. (1954). Poema enjoadinho. Disponível em <http://www.viniciusdemoraes.com.br/pt-br/poesia/poesias-avulsas/poema-enjoadinho> Acesso em: 01 set. 2018.
- Pessoa, J. "Filhos? Melhor não tê-los!". *Tribuna de Minas, Juiz de Fora*, 21 set. 2014. Disponível em <http://www.tribunademinas.com.br/filhos-melhor-nao-te-los>. Acesso em: 21 set. 2018.

**Citação/Citation:** Rodrigues, P. M. (mai. 2018 a out. 2018). Mal-estar na feminilidade: "Filhos... filhos? Melhor não tê-los! Mas se não os temos, como sabe-los?" *Revista aSEPHallus de Orientação Lacaniana*, 13(26), 160-165. Disponível em [www.isepol.com/asephallus](http://www.isepol.com/asephallus). Doi: 10.17852/1809-709x.2019v13n26p160-165.

**Editor do artigo:** Tania Coelho dos Santos.

**Recebido/Received:** 03/01/2019 / 01/03/2019.

**Aceito/Accepted:** 12/03/2019 / 03/12/2019.

**Copyright:** © 2019 Associação Núcleo Sephora de Pesquisa sobre o moderno e o contemporâneo. Este é um artigo de livre acesso, que permite uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que o autor e a fonte sejam citados/This is an open-access article, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the author and source are credited.